

**TRANSEXUALIDADE NA INFÂNCIA:  
REFLEXÕES A PARTIR DO DOCUMENTÁRIO  
“MEU EU SECRETO - HISTÓRIAS DE  
CRIANÇAS TRANS”**

*TRANSSEXUALITY CHILDHOOD:  
REFLECTIONS A DOCUMENTARY FROM  
"MY SECRET SELF - CHILDREN'S STORIES TRANS"*

**Cássio Moreira Rodrigues**

*Estagiário do SENAC- Rio Verde/GO na área de Supervisão Pedagógica.  
Especialista em Gênero e Diversidade na Escola-GDE pela UFG.  
cassiosenac@hotmail.com*

**Sullivan Charles Barros**

*Professor da Universidade Federal de Goiás - UFG. Doutor em Sociologia pela UnB.  
sullivan7@uol.com.br*

13

## Resumo

As narrativas cinematográficas exercem grande poder sobre o público. Elas veiculam e constroem relações de gênero e sexualidades o que torna de extrema relevância a investigação dos discursos/práticas/efeitos do cinema na constituição de valores e representações sociais e também contribuem para delimitar os papéis dicotômicos entre homem/mulher, masculino/feminino, bem como investigar abordagens que problematizem gênero, identidades de gênero e sexualidades de forma interseccional. O cinema, nesta pesquisa, foi priorizado como um lócus para se pensar a transexualidade na infância. Neste sentido, foi analisado o documentário “Meu Eu Secreto- histórias de crianças trans” visto que o mesmo é marcado pela experiência da transexualidade bem como aborda questões representativas ligadas ao gênero, as identidades de gênero em contexto da infância apresentando relatos reais de crianças trans e de suas famílias.

Palavras-Chave: Transexualidade. Infância. Sexualidade. Gênero. Cinema.

## Abstract

Cinematographic narratives have great power over the public. They convey and to build gender relations and sexuality which makes it extremely important to investigate the discourse / practices / film effects in the formation of values and social representations and also contribute to delimit the dichotomous roles between man/woman, male/female, and to investigate approaches that problematize gender, gender identities and sexualities of intersectional way. The cinema in this research was prioritized as a locus to think about transsexualism in childhood. In this sense, the documentary was analyzed "My I secreting trans children stories" since it is marked by the experience of transsexuality and representative addresses issues related to gender, gender identities in childhood context presenting real stories of trans children and their families.

Keywords: Transsexuality. Childhood. Sexuality. Genre. Cinema.

## Introdução

A Transexualidade, na maioria das vezes, é como transtorno de identidade de gênero e abjeção. A imposição gerada pela sociedade, bem como pela mídia e demais meios de comunicação ferem o direito de escolha, bem como os direitos da personalidade, estabelecendo um conflito no subconsciente da criança, coagindo-a a seguir padrões ditos como normais não oportunizando o direito de ser/estar no mundo e, principalmente a possibilidade de “escolhas” em questões relacionadas ao gênero e a sexualidades. Aqueles que por ventura fogem a tais regras já estabelecidas são pejorativamente identificados como anormais (Foucault, 2010).

A infância é concebida como algo idílico, considerando que nessa fase está inserido apenas o direito de brincar, aprender, ler, escrever e se divertir, estando assim, a criança isenta de preocupações. Portanto o presente artigo objetiva compreender a partir do documentário “Meu Eu Secreto – histórias de crianças trans” a singularidade da condição de crianças transexuais, bem como a dificuldade encontrada pelos pais no que se refere à aceitação drástica em dar adeus ao gênero biológico de seu (sua) filho(a) e ter que dar as boas vindas a uma nova identidade de gênero.

A transexualidade infantil além de ser um assunto delicado, é também algo encoberto pela falta de informação e claro, pelo despreparo inicialmente vindo dos pais e posteriormente vindo da escola. A fase da infância pode ser vista pelo/as transexuais como algo ruim e que estes preferem anular de suas vidas, justamente pelo sofrimento vivido, pela imposição, e pela confusão em não se enxergar igual as demais crianças do sexo pertencente.

Caracterizado por um persistente e intenso sofrimento por pertencer a um dado sexo, junto com o desejo de ser (ou a insistência de que se é) do outro sexo, a transexualidade hoje vem afirmando e se posicionando perante a sociedade. A não aceitação de si mesmo, por vezes, causa na criança o sentimento de revolta, frustração e rejeição.

O apoio familiar e o diálogo juntamente com a procura por ajuda médica e psicológica são fatores relevantes e fundamentais para o bem estar pessoal e social na vida de uma criança transexual. Quando a criança não encontra meios favoráveis para expressar seus desejos e sua essência ela se torna fechada para expectativas futuras, repercutindo não apenas na sua vida pessoal, quanto também profissional ocasionando assim outros possíveis traumas e maiores riscos de transtornos psicológicos (Gomes de Jesus, 2013).

A sociedade, em sua grande maioria, não compreende a forma de vida dos indivíduos transexuais, havendo então, uma clara necessidade de desmistificar tais conceitos que envolvem o tema, objetivando assim, uma maior abrangência de respeito e tolerância.

Somos socializados a aceitar um determinado gênero antes mesmo de nosso nascimento. Já nascemos com uma cor pré-definida em conformidade com a genitália que carregamos azul para os meninos e rosa para as meninas. Isso tudo, obviamente, são atitudes provindas dos pais/responsáveis, professores e da própria sociedade como um todo. Mas uma grande diferença é o lado intrínseco do indivíduo em posicionar-se diante de tal situação destinada a ele. É justamente nessa inconformidade que o sujeito se enxerga diferente dos demais. É como “pisar em ovos” o tempo todo. Na maioria dos casos, a transexualidade carece muito de aceitação, contudo não é fácil entender essa inconformidade de gênero, mas é perceptível percebemos que o indivíduo já apresentava determinados comportamentos desde a infância, fase essa que é crucial para que ele se enxergue e se posicione no mundo da maneira que é.

um dos sentimentos iniciais mais comuns sobre essas epifanias era que “Deus cometeu um erro”, o que indica que algumas crianças transgênero sentiram fortemente a situação em muito tenra idade. Quando lhes pediram para “descreverem suas primeiras memórias de serem trans” as respostas pareciam sugerir uma percepção fortemente identificável de que algo está “errado” com elas (KENNEDY, 2010, p.6).

Sendo assim, as crianças trans existem! Elas apenas necessitam que alguém as escute e as tratem como elas realmente são, e não como querem que elas sejam. As experiências estigmatizadas ocasionam medo, isolamento, afetando possivelmente suas vidas quando adultas em meio social.

O que não é regulado para a geração e por ela transfigurado não possui eira, nem beira, nem lei. Nem verbo também. É ao mesmo tempo expulso, negado e reduzido ao silêncio. Não somente não existe, como não deve existir e à menor manifestação fá-lo-ão desaparecer – sejam atos ou palavras. A crianças, por exemplo, sabe-se muito bem que não têm sexo: boa razão para interditá-lo, razão para proibi-las de falarem dele, razão para fechar os olhos e tapar os ouvidos onde quer que venham a manifestá-lo, razão para impor um silêncio geral e aplicado. (...) Porém, forçada a algumas concessões. Se for mesmo preciso dar lugar às necessidades ilegítimas, que vão incomodar noutra lugar:

que incomodem lá onde possam ser reinscritas, senão nos circuitos da produção, pelo menos nos do lucro. (FOUCAULT, 1988, p. 10)

As identidades geralmente são identificadas como algo acabado, completo, e não como um processo interrupto, contínuo e em constante transformação (Hall, 2006). Por vezes os familiares não sabem como lidar com a situação preferindo então calar o problema, escondê-lo, camuflá-lo. De maneira geral os transexuais não entendem o que se passa com eles, justamente por essa não aceitação estar enraizada e pouco divulgada em nosso meio social. Construímos a sexualidade não de maneira individualizada, mas em contato com o outro das mais variadas formas possíveis sejam elas no ato sexual ou não. A interação com o próximo nos possibilita entender o nosso papel na sociedade e qual a imagem que queremos passar para o outro, não enfatizando apenas o fator biológico, mas sim a sua dimensão subjetiva e o que de fato se sente pertencer em sua mente a respeito desse câmbio de gênero e sexualidade.

O processo de educação sexual considera muitas ações, entre elas se encontra o pensar sobre a articulação entre gênero e infância e, assim, pensar em como a criança apreende a concepção do que é ser menino e do que é ser menina, já que a sociedade ao traçar a definição do feminino e do masculino, mesmo que subjetivamente, também traça estereótipos que se multiplicam e se cristalizam. Dessa maneira, a oposição do binário masculino/feminino é reproduzida socialmente e, em muitos casos, é tomado como verdade única no momento de pensar o conceito de gênero masculino e feminino (LOURO, 1999, p. 33)

A referida autora afirma também que ao classificar os sujeitos, a sociedade acaba estabelecendo divisões e atribuindo rótulos que querem fixar as identidades e, conseqüentemente, os comportamentos vinculados a estes rótulos. Esses estigmas acabam por definir e separarem sujeitos entre ditos “normais” e “anormais” das formas mais sutis a mais violentas perpetuando e legitimando diversas formas de preconceito e discriminação.

## **O cinema e sua relevância para a condição transexual**

O relacionamento humano é o quesito principal na produção de um filme. Os mais variados assuntos são tratados, podendo estes ser de uma forma

positiva ou não. As narrativas cinematográficas na maior parte das vezes não reconhecem a condição de sujeitos não heterossexuais ou trans, colocando-os sempre dentro de visão depreciativas e estereotipadas. Assim de uma forma não-dita (mas imagética) dá-se o entendimento ao telespectador de que todo homossexual é afeminado, promíscuo, de que todo sujeito trans é anormal, desviante e, aqueles que fogem a tais atitudes assim descritas, são dissonantes e não lidos. Sendo assim,

filmes se relacionam a uma larga escala de experiência estética e discursiva, eles têm um importante papel na formação das representações em gênero e sexualidades – assim como raciais, étnicas, religiosas, geracionais, de classe, entre outras –, e podem, do mesmo modo, facilitar, particularmente bem, a comunicação e o entendimento de temas difíceis e tabus. Além disso, o filme torna-se um espaço que dá voz àqueles que não poderiam ser ouvidos de outra maneira (BARROS, 2014, p.394)

Tendo em vista que o cinema quer seja ficcional ou de documentário, ou qualquer veículo de informação é de grande relevância para propagação de valores, seria então o cinema um aliado importantíssimo na luta contra o preconceito. A transexualidade é incompreendida na maior parte das vezes e abarca diversas concepções equivocadas frente a necessidade do indivíduo de pertencer a um sexo que psiquicamente não se reconhece. Muitos filmes/documentários propagam o não respeito para com o reconhecimento das diferenças que tanto almeja ser vista e reconhecida por boa parte da sociedade. Sendo assim o cinema, é um grande aliado na luta contra o preconceito em dar voz e visibilidade a aqueles que tanto lutam pelo seu espaço e que muitas vezes, são ridicularizados e tachados como anormais em nosso meio social.

Ainda de acordo com Barros:

o cinema, ao longo de sua história, instituiu valores e representações que contribuíram para definir a rigidez dos papéis binários entre homem/mulher, masculino/feminino, hetero/homo, reapropriando-se das relações do poder sexista, machista, falocêntrico, patriarcal e heteronormativo (2014, p. 394)

Ao mostrar personagens femininos como frágeis e masculinos como figuras dominadoras, o cinema perpetua a visão preconceituosa e de uma maneira pejorativa. O cinema narrativo clássico não considerou os mesmos

direitos aos grupos que fogem à heteronormatividade, portanto “[...] negou as diferenças sexuais e o lugar das mulheres, dos homossexuais e de outras identidades de gênero e sexuais como sujeitos do desejo, do poder ou do saber.” (Barros, op. cit., p.394).

É nítido o grande interesse em indústrias cinematográficas na abordagem de temas voltados à sexualidade, justamente pelo grande sofrimento vivido pelos transexuais que é constantemente e, pejorativamente classificada como anormal não tendo o mesmo reconhecimento e direitos que os heterossexuais, tampouco o respeito no meio social, sendo muitas vezes tratada no cinema de uma forma caricata e cômica.

Ao optarem por explicitar e “assumir” suas vidas histórias de vida, estes sujeitos por vezes, se veem de mãos atadas em vários aspectos da vida social. Os valores culturais enraizados em nossa sociedade, não permitem que aqueles que levam uma vida fora do padrão heteronormativo tenham uma vida com direitos reconhecidos em relação àqueles considerados normais. Garcia discorre sobre este aspecto ao pontuar que

as manifestações culturais contemporâneas de identidade e gênero convergem para abordagens cada vez mais transversais. Nos projetos de cinema, televisão e vídeo não são diferentes. Temáticas insólitas sobre identidade e gênero – feminino masculino e adjacências são propriedades inscritas pela nova ordem dos discursos que aparecem nos produtos audiovisuais no Brasil e no Mundo. (2004, p. 265).

O cinema não contempla apenas pontos negativos no que tange a sexualidade, mas também pode evocar pontos positivos de conscientização na luta contra o preconceito e de entendimento fazendo com que as pessoas desenvolvam um olhar mais sensível e crítico em relação às diferenças de gênero e orientação sexual, sendo capazes de repensar as suas posturas e terem atitudes mais flexíveis diante de um tema que é tão complexo e de pouca compreensão.

ao longo dos tempos, nos filmes, posições de sujeitos e práticas sexuais e de gênero vêm sendo representadas como legítimas, modernas, patológicas, normais, desviantes, sadias, impróprias, perigosas, fatais, etc. Ainda que tais marcações sociais sejam transitórias ou, eventualmente, contraditórias, seus resíduos e vestígios persistem, algumas vezes por muito tempo. Reiteradas e ampliadas por outras instâncias, tais marcações podem assumir significativos efeitos de verdade (LOURO, 2008, p. 82).

É incontestável a relevância que o cinema tem na divulgação de valores e comportamentos, principalmente no que se refere à vida social dos indivíduos não heterossexuais. O entretenimento por vezes, instrui, ainda que inconscientemente a mudança de hábitos, conceitos enraizados culturalmente e, muitas vezes, é um grande veículo de divulgação para assuntos são pouco compreensíveis e divulgados de maneira geral, principalmente no que se refere à sexualidade e as suas particularidades.

Diante do exposto, surgiu o interesse de investigar a condição de crianças trans, a partir de uma obra fílmica. Foi escolhido para ser analisado, o documentário intitulado *My secret self*, ou em português *Meu Eu Secreto-histórias de crianças trans* cujo autor/a é desconhecido/a, tendo apenas dados do indivíduo que postou os vídeos na internet, atendendo pelo nome de cadastro AndersonChannelBR, assim encontrado em sua página privada para vídeos no site Youtube. O documentário é de origem americana, com tradução para o português sendo que esta, também de autor(a) desconhecido(a). A publicação dos vídeos foi feita na data de 23 de outubro de 2010. O documentário foi exibido no programa 20/20 da rede americana ABC em abril de 2007.

O Documentário apresenta três jovens transgêneros, sendo o mais velho com 17 anos e a mais nova com 6 anos de idade assim como a vida em família, a descoberta, as causas, as adaptações a aceitação, as frustrações e o preconceito enfrentado não só pelas crianças e adolescentes trans, como também a luta dos pais nesse enfrentamento junto a seus filhos e filhas. A proposta do conteúdo produzido é trazer uma análise fílmica, pela narrativa da entrevistadora, a fim de provocar o entendimento e o respeito dos telespectadores quando a respeito do tema da transexualidade.

Diante do exposto, passamos a análise do Documentário “Meu Eu Secreto – histórias de crianças trans” exibido pela Rede Americana ABC em 2007 e disponível em [sitioutube.com](http://sitioutube.com).

## **Metodologia**

Trata-se de uma análise de um documentário intitulado de “My Secret Self”, ou em português, “Meu Eu Secreto – histórias de crianças trans”, no tema de histórias de crianças trans, cuja autoria é da Rede Americana ABC, produzido em 2007, exibido no Programa 20/20, apresentada por Barbara Walters, atualmente disponível no Youtube e visualizado em 23 de outubro de 2010.



O documentário apresenta a vida de três jovens transexuais, sendo o mais velho com 17 anos e a mais nova com a idade de 6 anos, assim como a vida em família, a descoberta, as causas, as adaptações, a aceitação, as frustrações e o preconceito enfrentado não só pelas crianças e adolescentes trans, como também a luta dos pais nesse enfrentamento junto aos filhos e filhas.

## **Análise fílmica do documentário “Meu eu Secreto – Histórias de Crianças Trans”**

### **Primeira Entrevista**

Por meio da análise desse documentário, pretendeu-se mostrar como os filmes podem contribuir para ajudar a identificar os tabus e trazer reflexões sobre os preconceitos relativos à transexualidade e comportamentos discriminatórios no intuito de sensibilizar as pessoas, mostrando os constrangimentos sofridos pela orientação sexual e/ou identidades de gênero.. **Meu eu secreto** apresenta alguns casos com crianças muito novas e jovens identificados com disforia de gênero<sup>1</sup>.

O início do documentário mostra uma prévia do que será apresentado na reportagem, com um apanhado geral das famílias que serão entrevistadas e também das três crianças assim diagnosticadas como transexuais. A entrevistadora Barbara Walters fala com essas crianças e seus pais que estão permitindo que, vivam, com o gênero que eles se identificam, a fim de poupá-los de um futuro de angústia e dor. Eles compartilharam suas histórias pessoais para aumentar a compreensão futura da transexualidade de seus filhos e filhas.

Na foto acima, Barbara se apresenta e comunica ao público a grandiosidade do tema que será apresentado. Ela pede aos telespectadores em questão, que abram seus corações para o tema que será abordado, pois as histórias são surpreendentes e de sofrimento pessoal de famílias americanas com filhos que se sentem presos a corpos errados. Explica que a decisão vinda dos pais de tornar pública a vida de seus filhos veio após várias reuniões de privacidade e meses de conversa com a sua equipe e demais profissionais que mediram o efeito nas crianças. Finaliza a apresentação do programa dizendo que os pais entrevistados são corajosos e amáveis que só querem a felicidade de seus filhos e que estes possam ser aceitos como são. Explica que o programa

---

<sup>1</sup>Entende-se por Disforia de Gênero, segundo grande parte da literatura médica, como o desconforto persistente com o gênero imposto no nascimento e com sentimento de inadequação de determinados sujeitos em relação papel social designado a este gênero.

pode conter palavras explícitas e detalhes que alguns podem considerar inapropriados a seus filhos, mas, enfatiza que possivelmente os telespectadores ficarão comovidos e talvez até compreendam.

O documentário dá início à primeira entrevista, com a família Scott. Uma típica família americana, cujo casal tem quatro filhos, sendo um deles Jess, a filha diagnosticada como uma criança trans, masculino para feminino, no caso uma mulher transexual. Barbara dá início à entrevista com a seguinte indagação: - *Seu filho nasceu menino e agora você o trata como menina? - Nosso bebê nasceu e nos deu o recado, é assim que sou uma menina disse a mãe de Jess.*

A Mãe de Jess continua relatando que, logo que pôde falar, Jess deixou claro que queria um vestido. Com apenas quinze meses, ela abria o macacão para que se parecesse com um vestido. Barbara continua a entrevista perguntando a mãe o início dos primeiros questionamentos de Jess a afirmar-se ser do sexo oposto e, a ela responde repetindo a fala de sua filha: “Mamãe, quando a fada madrinha vai chegar com a varinha mágica, e trocar, sabe, minha genitália?” A mãe afirma que Jess a questionou com apenas dois anos de idade que queria trocar seu pênis por uma vagina. Renée a mãe de Jess, acreditava ser algo passageiro, pois seus outros dois filhos gêmeos quando mais novos, pintavam as unhas de esmalte, contudo as afirmações de Jess a pertencer a um outro gênero só foram confirmando as suspeitas dos pais. Renée só foi se dar conta de que não era algo passageiro, mas sim um fato que necessitava de um maior aprofundamento, quando abriu um livro no qual tinha em destaque o transtorno de identidade de gênero e que Jess se encaixava naquilo, por renegar ser um menino, afirmando ser uma menina. Segundo Berenice Bento:

A transexualidade não é uma experiência de identidade a-histórica, ao contrário, revela com toda dor e dramaticidade os limites de uma ordem de gênero que se fundamenta na diferença sexual. Quando se retira o conteúdo histórico dessa experiência, apagam-se as estratégias de poder articuladas para determinar a verdade última dos sujeitos está no seu sexo. A transexualidade é uma das múltiplas expressões identitárias que emergiram como resposta inevitável a um sistema que organiza a vida social fundamentada na produção de sujeitos “normais/anormais” e que localiza a verdade das identidades em estruturas corporais. (BENTO, 2008, p.20)

Em outro momento do documentário, há um questionamento junto a médica de Jess, a Dra. Marilyn Volker, uma terapeuta especialista que afirma que em nível biológico, cromossomicamente, hormonalmente Jess não é uma menina. Contudo, a identidade de gênero dela é feminina. A médica diz que soube que ela psicologicamente era uma menina, quando usou o pronome ele e Jess a corrigiu dizendo: *“Sou uma menina, use “ela”*. Continuou seu diagnóstico com a ajuda de dois bonecos com genitálias correspondentes ao sexo masculino e feminino, perguntando-a: Como você é? Como você vê seu corpo? Jess olhou para o boneco com genitália masculina e disse: *“Essa sou eu agora”! Olhou para a boneca com genitália feminina e responde: “Isso é o que eu quero. É assim que eu quero ser”*.

Os pais explicaram a situação aos outros filhos, que aceitaram a condição de Jess. Contudo para os outros familiares e amigos próximos ainda mantinham em segredo a real situação de Jess. A mãe conta que ela não se via satisfeita. Na escola, permitiam até que Jess usasse blusinhas mais femininas, porém não a permitiam se portar como uma menina.

#### Segundo Berenice Bento:

São múltiplas as violências cometidas contra as pessoas transexuais. A patologização social dessa experiência identitária talvez seja a mais cruel, pois irradia a convicção de que são pessoas inferiores. Cruzar os limites dos gêneros é colocar-se em uma posição de risco. Quando se afirma que existe uma norma de gênero, deve-se pensar em regras, leis, interdições e punições (BENTO, 2011, p. 554).

É interessante ressaltar que pais costumam desejar que o filho seja desta ou daquela maneira. Já na gestação, imaginam isto e aquilo. Se a notícia é de que virá uma menina, o mundo todo se transforma em rosa. Do contrário, anuncia-se aos quatro cantos que é para tomarem conta das garotinhas, pois seu garotão está chegando. Mas não é sempre assim. Às vezes, porém, a vida prega uma peça e aquela criança que nasceu com uma determinada genitália, não se identifica com o seu sexo anatômico. E assim está feita a confusão: tanto na cabeça da criança como na de seus pais, familiares e das pessoas que convivem com ele/a.

Voltando ao documentário, em uma apresentação de balé na escola, a mãe relata que foi um desastre! Ela não pôde se vestir como as outras meninas e ficou parada estalando os dedinhos... Bateu os dedos dos pés com um olhar triste! A mãe de Jess afirma que essa apresentação artística foi o ponto final para essa situação de sofrimento de sua filha. Então assim, a família tomou a

decisão mais difícil de suas vidas. Deixar o filho se tornar filha. Em sua festa de aniversário, os pais permitiram a Jess, vestir um maiô. Ele agora era ela. Diz o pai que essa atitude foi a libertação de Jess. Ela pôde ser ela mesma! Houve então um questionamento sobre uma possível relutância de familiares e demais amigos a respeito da escolha deles, em deixar que seu filho se vestisse de menina como uma decisão definitiva. A mãe relata que sim. Contou que Jess está protegida, que não está sozinha: *“Eu estou na batalha com ela, e recebo tudo de ruim que possa atingi-la”*.

A entrevistadora questiona se é por isso que ela está dando a entrevista, e escuta a seguinte resposta: *Sim! Para que as pessoas entendam... Eu quero uma vida melhor para ela e, para todas as crianças trans. Elas não pediram para nascer assim. Os pais dizem dar apoio, mas não forçar*. Escutam o que Jess diz sobre si mesma sem impor nada a sua filha. Em uma determinada noite, Jess corre ao quarto da mãe dizendo ter tido um pesadelo. *“Mamãe, tive um pesadelo que tinha barba e bigode igual do papai, eu não quero nunca ter barba ou bigode”*. A mãe então a respondeu dizendo: *“Não se preocupe amor, mamãe não vai deixar isso acontecer”*. Desde então, o mundo de Jess passou a ser de acordo com a sua real identidade de gênero.

Ela começou a vestir-se como menina, furou as orelhas, começou a usar brincos, deixou os cabelos crescerem e também mudou de escola. A nova escola, segundo a mãe, permitia que sua filha saísse do armário, pois ninguém saberia de seu passado. Esta seria então, uma oportunidade ideal para que nascesse a identidade real de sua filha, trocando o pronome masculino para o feminino e uma vez que a escola possui banheiros unissex. O pai relata querer o melhor para sua filha. Diz que a todo instante tenta dar o máximo de autoestima a ela, pois sabe que a sua luta será constante. A partir deste relato, surge então uma pergunta ao pai a respeito de alguns telespectadores estarem se perguntando por um motivo pelo qual eles estariam expondo a intimidade familiar de Jess. O pai responde que não é possível apenas pela entrevista, captar a essência da Jess, sem ao menos conhecer a normalidade do dia-a-dia...

O quarto de Jess tem a cor rosa e é repleto de bonecas, vestidos e sereias. Várias sereias! No decorrer da entrevista a mãe de Jess é indagada sobre o porquê de sua filha gostar tanto de sereias e escuta a seguinte resposta: *“Quase todos os transexuais pequenos, de masculino-para-feminino (mulheres transexuais) são obcecados por sereias e acho que seja pela ambiguidade da genital, pois não há nada da cintura para baixo, a não ser apenas a calda”*. Isto devido ao fato de que os/as transexuais terem aversão por suas genitálias. Em outra parte da entrevista, a entrevistadora já está no quarto de Jess, para um

bate papo descontraído, porém rico para aqueles que estão assistindo. Barbara faz a seguinte pergunta: “Se te perguntarem se você é um menino ou uma menina o que você responde”? Jess sem muito pensar responde de imediato: “Uma menina”!

Jess, segundo o relato do documentário, apresenta sensibilidade musical. No final da entrevista, acaba cantando uma música, cuja letra parece dizer tudo aquilo de uma forma ainda não madura, mas já sabendo do que se trata, está engasgado em sua garganta. Os pais são pegos de surpresa ao serem perguntados sobre como teria sido se não tivessem permitido que Jess vivesse como uma menina. A mãe sem relutar responde que teria sido muito mais difícil do que já o é.

O Documentário continua, mostrando a naturalidade da vida de Jess em seu ambiente familiar. Mas deixa claro que pela complexidade da situação, parece que a criança vive em uma espécie de bolha, pois todo peso cai sobre seus pais. Dentre várias perguntas pertinentes à entrevista, mais uma vez Barbara questiona a mãe, sobre como ela reage quando a perguntam sobre deixar que seu filho se vista de menina. A mãe responde que não obriga sua filha a fazer nada. A mãe relata da seguinte forma: “Jess, se você quiser se vestir como menino de novo, cortar o cabelo, avise a mamãe”. Finaliza sua resposta dizendo as palavras de sua filha: “Mamãe por que eu faria isso”? Deixando claro então, não ser algo passageiro, mas sim sua essência de forma bem clara e definitiva quanto a sua identidade de gênero.

Quando questionada pela entrevistadora se sente falta de seu filho ainda quando menino, a mãe em lágrimas responde que sim. Relata: “Tive que empacotar todas as roupas de menino e vejo as fotos antigas e vídeos, meu filho se foi!”, contudo, afirma ter uma pessoa maravilhosa com ela agora, que é sua filha. A mãe em seu relato deixa claro à sua filha o quanto a ama e o quanto Jess pode se sentir segura sendo ela mesma. Termina-se então a primeira parte do documentário e uma voz em *off* afirma que a vida das crianças transexuais, está longe de ser uma música alegre como a que Jess cantou.

## Segunda entrevista

A segunda parte do documentário e entrevista, traz a história da vida de uma criança com dez anos de idade, também diagnosticada com transtorno de identidade sexual masculino para feminino chamada Rylie. A entrevista dá-se início em uma noite de natal na casa de Rylie.

A menina em questão, Rylie, está na mesma condição que a criança do primeiro documentário, porém Rylei tem uma irmã gêmea Ally. A irmã não tem transtorno de identidade de gênero. Aceita sem problemas seu gênero em questão, no caso feminino.

Rylei ganhou como presente de natal um jogo em que é possível mudar as roupas da personagem a todo o momento, como se assim também pudesse fazer consigo mesma imaginando ser uma menina igual a sua irmã.

Logo de início, Rylei é questionada com a seguinte pergunta: “Se te perguntarem se você é um menino ou uma menina, você diria que é uma menina?” Rylei com um olhar triste, apenas balança a cabeça dizendo que sim. Com um semblante de choro, Rylei parece embargada pela emoção. Ela não consegue se explicar! Passa a imagem de que ela se sente culpada ser uma garota transexual. No decorrer da entrevista, Barbara questiona a mãe se Rylei se sente culpada. A mãe responde que sim. Que ela se sente como se tivesse um defeito de nascença. A mãe finaliza dizendo que não há defeito maior para uma mulher, do que nascer com um pênis e, que ela sonha com o dia em que terá um filho. Mostra também tristeza quando diz que esse dia não chegará para sua filha. *“Ela se vê como uma mulher”* diz a mãe

A narrativa continua contando a história dos pais de Rylei e, a dificuldade da sua mãe Stephanie em conseguir engravidar, tendo cinco abortos até conseguir seus gêmeos. Em seguida, Barbara questiona a alegria que o casal tivera ao saber que teriam gêmeos, após tantas tentativas frustrantes, ainda mais sabendo que esperavam um casal. A mãe diz ter ficado muito feliz, contudo com o crescimento dos gêmeos, percebeu algo diferente. Diz ela que Ally sua filha do sexo feminino era extremamente cheia de vida e, que Richard (Rylei assim chamada quando ainda era tratado como menino) era intimista e silencioso.

A mãe relata saber que ele não seria um homem másculo, macho. Barbara em sua narrativa diz que Richard hoje atualmente tratada como Rylei não gostava de tomar banho sem blusa, interessando então mais pela rosa do que pela cor azul. A mãe questionava seu filho dizendo que a cor azul era de meninos e a rosa era de meninas, dando exemplos pelo copo de cada um dos filhos. Contudo escutou a seguinte afirmação de Richard: *“Eu sou menina”!* Assim então bateu o pé dizendo querer o copo com a cor rosa. Com apenas dois anos de idade, segundo a mãe, Richard tinha ciúmes de sua irmã Ally, pois queria usar vestidos e ficar bonito igual a sua irmã. Afirma que sua filha queria usar vestidos dizendo: *“Sou menina, mamãe!”* Contudo ela afirmava a sua filha que ele era um menino.

Explicou a ele, que ele tinha um pênis, portanto ele era um menino e, sua irmã por ter uma vagina era uma menina. Diz a mãe que sua expressão mudou ocasionando tristeza no semblante de Richard, querendo ele, apenas ficar bonito como uma “menina” que era... Dando voz agora ao Pai de Rylei, o Sr. Neil Grant, e a entrevistada pergunta como foi para ele saber de tudo isso.

O pai relata que entrou em choque. Que se questionava: *“Como pode uma criança com tenra idade dizer o que quer ser?”* Até que um incidente na banheira convenceu os Grant o quão confuso seu filho estava sobre sua identidade de gênero. A mãe relata que ao sair do banheiro, deparou-se com Richard segurando um cortador de unhas, abrindo seu pênis. A mãe o questionou perguntando o que ele estava fazendo e, escutou a seguinte resposta: *“Mãe, não consigo alcançar”*. Ele ia cortar o pênis! Naquele momento a família percebeu que algo muito grave estava para acontecer e que mudaria para sempre a vida de Richard. Assim, procuraram ajuda. Foram a um pediatra que os orientou a estimular Richard a brincar com brinquedos “de menino”. Assim o fizeram, estimularam Richard a levar uma vida de acordo com seu gênero biológico. Contudo, a situação apenas se agravou.

Aniversários e datas comemorativas como o Natal, se transformaram em um trauma para Richard, pois ele saberia que os presentes que ganhara seriam de meninos e não brinquedos considerados para meninas.

A mãe ao perceber sua total insatisfação por tudo que fosse do universo resolveu deixar que seu filho usasse as roupas de sua irmã Ally. O segredo entre mãe e filho durou meses... Diz a mãe que um dia o levou ao shopping para comprar roupas, (blusinhas e saias) e que Richard parecia uma menina aprisionada, porém assim continuou. Barbara questiona como foi para o pai ao saber de todo o segredo entre mãe e filho. Ele responde que não queria aquilo.

A mãe continua a entrevista relatando a Barbara que um dia, ao ir dormir, escutou seu filho fazendo uma oração na qual sua filha pedia a Deus que a transformasse em uma menina e, questionou a mãe dizendo: *“Mãe estou brava com Deus, porque ele me fez um menino e eu sou uma menina”*. E continuou: *“Toda noite eu rezo para que Deus me dê um corpo de menina, mas quando acordo ainda sou um menino”*. Barbara de imediato olha para o pai e o questiona: *“Como você se sentiu ao ouvir isso?”* O pai tomado pela emoção não consegue de imediato dizer... Barbara continua perguntando a mãe se teve algum momento em que Richard atentou com sua própria vida. A mãe diz que uma vez subiu nas escadas de sua cama, e disse: *“Eu quero morrer, quero pular da janela.”* A mãe trancou todas as janelas com medo de

que o filho assim tomasse essa atitude. Escutou de seu filho certo dia: “Mãe, gostaria de não existir”. A mãe então respondeu: “Não, você não quer morrer. Eu ficaria muito triste!” E ele disse: “*Não mamãe, se eu morresse você ficaria triste, mas se eu nunca existisse você nada sentiria*”. Barbara em estado de choque, questiona: “Isso com seis anos”? A mãe afirma que sim. Disse pensar que seu filho fosse gay, por ser muito afeminado. “Mas disse que tinha uma grande diferença em dizer: Quero ser uma menina” e dizer “Eu sou uma menina”. Richard na escola estava tendo ataques de pânico.

A mãe aos prantos, explicou à diretora a situação e, a mesma a questionou dizendo: “*Por que ele não vem para escola vestido como menina?*” A mãe de início relutou com a ideia da diretora, que os encaminhou para um especialista em identidade de gênero, que assim o diagnosticou como tal. O pai relata que ficou confuso, pois não tinha ideia do que era isso. A mãe também diz ter ficado chocada com a afirmação do especialista. A entrevista então é pausada por uma voz em *off* que relata o diagnóstico médico dado a condição de Richard, que ele/a era transexual.

Em 2003, aos sete anos, os pais de Richard autorizaram sua transição de menino para menina. Assim então Ryllei, furou as orelhas, deixou os cabelos crescerem e passou a viver sua vida como uma menina. Barbara continua o relato dizendo que o pai, antes contra, atualmente passou a comprar vestidos para sua filha. “Eu vi a alegria nos olhos dela” disse o pai. A mãe diz ter encontrado ajuda e, bastante conforto em um grupo de apoio na internet para crianças transexuais. Relata que no grupo haviam histórias iguais à de sua filha e também de crianças transexuais. Barbara relata que Rylei tinha que usar o banheiro da enfermaria na escola, começando assim a peregrinação da criança a ser aceita como em opressões diárias. “*Uma menina com pinto*” era assim que a mãe relatava a visão de sua filha para com ela mesma.

Continua a mãe dizendo que sua filha teria muito medo das pessoas descobrirem e não conseguir mais assim fazer amigos. Barbara faz um relato da mãe, dizendo que a hora mais difícil para os transexuais é a hora em que estão sozinhos. Conta que ao presenciar o banho de sua filha, se deparou com ela se lavando apenas com uma mão. A outra mão estava escondendo a sua genitália. “*Ela estava escondendo dela mesma*”, diz a mãe.

Em um determinado momento de descontração, o documentário apresenta Rylei. Barbara diz que a menina estava tímida no início, mas ao falar de sua cobra de estimação, a garota se mostrou mais à vontade, parecendo esquecer um pouco o peso que a cercava por ser uma menina diferente das



outras. Rylei relata a Barbara que ainda hoje, algumas pessoas ainda a tratam como menino e, que ela os manda ficarem quietos, porém ainda insistem chama-lo de menino. Rylei diz se sentir brava ao escutar isso. E em outro momento, a entrevista é tomada novamente pela emoção quando Rylei começou a chorar.

Barbara diz que quando isso aconteceu, não estava mais ali uma repórter e sim uma amiga para acolhê-la. Relata: “Tive que entender que ali havia uma criança. Uma criança que está no início de sua adolescência e que odeia seu próprio corpo”.

Ao ser questionada por sobre a puberdade de Rylei, a mãe categoricamente responde que tem a intenção de iniciar o tratamento hormonal<sup>2</sup> para desenvolver o corpo dela como de menina. Assim Rylei tomará hormônios bloqueadores para anular a testosterona e impedir o crescimento de pelos e características masculinas. Do quatorze aos dezoito iniciará com injeções de estrógeno para seu corpo ganhar formas femininas. A mãe conta que Riley começaria a tomar o mais rápido possível. “Ela quer começar a ter seios como as outras meninas” diz a mãe.

Em determinada cena em que aparece as irmãs, o comportamento de Ally é o oposto do de Riley. Ela parece infeliz e irritada, brigando muito com a irmã. “*A irmã não teve problemas, ela nasceu no corpo certo e vai ter seios*”. É como um meio de sobrevivência que Riley encontrou para seguir adiante. Conta o pai que a irmã é tudo que ela gostaria de ser. Um trecho bastante emocionante é quando Barbara dá a palavra para que a irmã de Riley coloque seu ponto de vista acerca da transexualidade de sua irmã. A pequena então sai em defesa da irmã dizendo: “*Acho que ela ser transexual, não torna minha família diferente de nenhuma outra*”.

Continua a narrativa documental com a apresentação de fotos de Riley quando menino e, a dor de sua mãe ao olhar as fotos. Ela só as olha quando a filha não está por perto. Pois se Riley as achasse, destruiria, conta a mãe. Vem então a pergunta crucial que todos os telespectadores ansiosamente aguardam. “Por que vocês estão sentados aqui agora contando a história de Riley”? Questiona Barbara.

---

<sup>2</sup>O tratamento hormonal fornece um medicamento derivado da segunda puberdade, que é crucial para o desenvolvimento das características femininas. Como acontece com a puberdade natural, a puberdade induzida pelo hormônio é um processo lento, que leva até cinco anos para ser concluído. É comum que, durante este período, um transexual masculino que esteja se transformando em mulher tenha uma orquiectomia ou a cirurgia de redesignação sexual, que permite um menor consumo de estrogênio após a remoção cirúrgica dos testículos.

O pai diz que quer uma vida boa para sua filha e que mais pessoas possam entender como ela é. A mãe toma a palavra dizendo que Riley tem total apoio, contudo os pais não podem viver por ela, ela terá de aprender a lidar com essas situações. “As pessoas que avejame que possam conhecê-la melhor. Espero que percebam o que ela passa para ser ela mesma todos os dias” finaliza a mãe.

### Terceira entrevista

A terceira e última parte do documentário tem uma perspectiva diferente das demais histórias. Barbara dá início chamando a atenção dos telespectadores dizendo sobre uma carta: “*Queridos pais, não sou uma menina e sim um menino.*” Explica a história a ser contada como algo sem volta. A entrevista começa com Jeremy (atualmente assim chamado e tratado no sexo masculino). A entrevistada interroga-o como ele se sente ao ver fotos de quando era Rebeca, uma menina.

Jeremy responde que não consegue enxergar as fotos e que vê apenas olhos tristes. Continuando sua narrativa, Barbara conta que em 19 de setembro de 2004, Rebecca, com então quatorze anos escreveu uma carta chocante para seus pais, Betsy e Peter, que no final dizia não ser mais Rebecca e sim Jeremy. Em outra cena, a câmera dá um enfoque cauteloso e emocionante nas palavras de Jeremy ao ler a carta para todos os telespectadores que assistiam no momento a história de sua vida, bem como a sua mudança definitiva e corajosa ao dizer quem ele era para seus pais. Eis então o que ele diz na carta: “*Queridos pais, escrevo isso com uma verdade absoluta nesta manhã. O que sou? Me pergunto todo o tempo. Nesse momento, acredito ser um transexual feminino para masculino, um menino num corpo de menina. Quero que entendam e aceitem que eu faça a transição para o que realmente sou, obrigado por me ouvirem. Com amor, seu filho. Finalizou Jeremy.*”

Entra então a mãe na cena, ao ser questionada por Barbara de como se sentiu. Betsy diz: “*Chocada, horrorizada, perplexa, foi uma experiência irrereal.*” Após anos sofrendo em um corpo que não lhe pertencia, Rebecca, agora Jeremy, começou sua transformação quase que de imediato. Cortou os cabelos e, passou a usar uma espécie de colete para esconder os seios.

Barbara faz então, uma pergunta que para muitas mães ao assistirem, poderia ser chocante imaginando suas filhas em tal situação. “Você está usando o colete agora, seus seios são grandes?” Jeremy responde que sim! Na escola, a transição ocorreu de forma natural. Contudo, embaixo das roupas

Jeremy ainda era uma menina. Menstruar se tornou um pesadelo para ele. O garoto relatou que quando soube ser um transexual, já sabia da possibilidade de tomar testosterona que é o hormônio responsável por dar formas masculinas. *“Engrossaria minha voz, me daria pelos faciais”* diz ele. Mas os pais de Jeremy ficaram receosos. De início não deixaram que seu filho tomasse hormônio. Apenas o deixaram se vestir de menino, porém sem qualquer mudança mais drástica. Sem a testosterona, conta Barbara, Jeremy se sentiu preso entre os dois sexos e, o que foi pior para ele, descobrir que um ano após o tratamento, sua mãe ainda tinha esperanças de que sua filha ainda voltasse e que o Jeremy fosse embora. Em várias discussões com seus pais diz a sua mãe: *“Mãe, você ainda não me vê como homem.”* Jeremy relata que não quer ser visto como trans, mas sim como homem que sempre foi. Chegou até a se machucar fisicamente, em forma de aliviar a dor que sentia. A mãe não se sentiu bem ao falar sobre a parte do corpo de Jeremy ao ser cortado. Assim, os pais finalmente entenderam a gravidade do caso, permitindo que aos dezesseis anos Jeremy começasse o uso de testosterona.

Dra. Joe Olsen entra em cena para explicar o quão fácil foi o tratamento de Jeremy, uma vez que ele já veio pronto e decidido pelo que queria. Ela é especialista e atente outros tantos jovens e crianças transexuais como ele.

Agora graças à terapia hormonal com testosterona, ele faz a barba e a voz está mais grossa, tomando também o corpo formas mais masculina. Barbara então faz uma pergunta, como se quisesse responder o que os próprios telespectadores queriam perguntar. *“Mas e quanto às outras crianças que abordarmos o que acontecerá com elas?”*

## **Restropectiva do documentário**

A médica explica que a progesterona faria com que os seios de Riley crescessem e afirma ser irreversível, bem como também causaria a redistribuição da gordura corporal, principalmente nos seios e no quadril. Coloca também os pontos negativos, segundo ela o tom de voz não altera no caso dos trans, masculinos para feminino também não consegue diminuir o pomo de adão, assim muitas pessoas fazem a cirurgia para retirá-lo. A entrevista toma a narrativa explicando os riscos que o uso de hormônios pode causar. Riley tem suas chances de câncer de mama aumentadas devido ao estrogênio, sem falar que os hormônios podem causar esterilidade. Barbara então volta a cena dos pais de Riley com a seguinte pergunta: *“Riley fala em, algum dia, fazer a cirurgia para não ter mais o pênis?”* e a mãe responde que sim, que se pudesse ela já faria *“amanhã”*.

Vale ressaltar que é de fundamental importância compreendermos que a cirurgia de redesignação sexual feminino requer a retirada dos testículos e a construção de uma neovagina, a partir da pele do pênis ou de um retalho de mucosa do intestino grosso. Na transformação oposta, há necessidade de retirar útero, ovários e mamas. Em casos raros, o clitóris cresce tanto sob a influência da testosterona e adquire o tamanho de um pênis pequeno. Quando esse crescimento é insuficiente, está indicada a metoidioplastia, cirurgia na qual o clitóris é alongado e reconstruído como um neopênis de modo a preservar a ereção e conferir a habilidade de urinar em pé, ou de introduzir próteses rígidas ou infláveis. A bolsa escrotal é reconstruída com os grandes lábios e próteses de testículos.

O documentário então volta ao início na história da pequena Jess de seis anos, em que uma voz em *off* afirma que o amanhã está longe para a pequena Jess, demonstrando que os pais concordam com a cirurgia para a pequena, mas que os médicos só a operarão após a maioridade, dezoito anos. Volta então a cena para Jeremy, no que também espera pela cirurgia de retirada total da mama, mesmo sabendo que é uma cirurgia cara e não custeada pelos planos de saúde. Explica também que a técnica para se criar um pênis ainda não é satisfatória. A cena volta para os pais da pequena Jess, com a pergunta feita pela entrevistadora: O que vocês têm a dizer aos pais que talvez se perguntem: Será meu filho gay, feminino, masculino, ou transexual? A mãe de Jess, responde: *“Olhe para seu filho, ouça o coração dele e apoie, deixe seu filho lhe conduzir; porque seu filho é quem é e você deve amá-lo como ele é”*. Barbara afirma que não se pode medir os casos de crianças trans existentes no mundo. Mas afirma que só no grupo de ajuda pela internet, são mais de quatrocentas famílias, que não estão mais sozinhos, e que fazem conferências. É possível escutar alguns relatos de crianças transexuais sobre o sofrimento vivido pelo preconceito e a não aceitação.

Os pais de Riley, contam que temem por uma possível violência futura que sua filha possa sofrer. A especialista afirma que a pior dor que as crianças transexuais podem sofrer é escutar de seus próprios pais que não os amam por eles serem assim. *“Isso é uma mensagem horrível”* diz a especialista. A entrevistadora fala sobre um estudo a respeito de crianças rejeitadas pelas famílias que são quatro vezes mais propensas a cometerem suicídio e a usarem drogas, correndo então assim também, duas vezes mais riscos de contrair HIV. Contudo finaliza que para aqueles aceitos pelos pais, esses riscos reduzem drasticamente.

A mãe de Jess entra em cena novamente e diz que se sente triste pelos pais que não conseguem colocar de lado seus próprios preconceitos e sentimentos

e falar eu te amo, não importando se o filho é gay, lésbica ou transgênero. “*Em que isso é importante? É seu filho!*” em lágrimas diz a mãe de Jess.

O programa encerra, com uma tocante mensagem, dizendo não saber quantas crianças e jovens passam todos os dias para serem aceitos como são. “Eles e suas famílias, só lutam para serem aceitos” diz Barbara. Ela continua: “E se um dia, seu filho disser: Nasci no corpo errado!” Após esta indagação, um silêncio invade o documentário como pudessem levar os telespectadores a pensar sobre seus próprios atos e uma nova questão é proposta: “*Eles seriam aceitos, você o aceitaria?*”

### Considerações Finais

Conclui-se que a análise fílmica do documentário *Meu eu secreto-histórias de crianças trans* foi de fundamental importância, dada a sua relevância em mostrar conceitos positivos bem como o respeito que devemos ter com o outro. A imagem cinematográfica busca conhecer os sujeitos e identificá-los. As pessoas, em sua grande maioria, desconhecem a ideia do que é ser transexual. Pensa que estes indivíduos sejam homossexuais, justamente pela falta de desconhecimento a respeito do que venha a ser a transexualidade que diz respeito a identidade de gênero e não a orientação sexual.

Quando um meio midiático encara a realidade, traz junto a ideia de colher informações, captura imagens da realidade ou ficção, consegue atingir em larga escala o entendimento para aqueles que antes desconheciam a sua própria condição de gênero, por falta de uma informação direta e objetiva, que muitas vezes os filmes, documentários, programas de TV e, demais meios midiáticos de comunicação conseguem atingir. Fica nítida então que a ideia principal do *Meu eu secreto* traz em sua narrativa uma mensagem de respeito e tolerância para com a diversidade. As cenas, a fotografia, a trilha sonora, tudo contribui para que a mensagem atinja o coração dos que até então desconheciam a ideia de que uma criança possa estar presa em um corpo que não lhe pertence. O meio social está caminhando cada vez mais para uma maior aceitação entre os transexuais. Contudo, fica evidente que a insatisfação vivida pelos transexuais desde sua infância, é algo tão perturbador, que entrar em acordo com o corpo, é literalmente, entrar em acordo com a sua própria alma. A aceitação por parte dos pais é algo construído constantemente. É inegável a dificuldade encontrada pelos mesmos, frente a um caminho irreversível no que tange a sexualidade de seus filhos, assim diagnosticados como transexuais.

Dentre os vários relatos vividos pelos pais na entrevista é notório que não é nada fácil ter que dar adeus a um filho e, receber uma filha no mesmo corpo ou o contrário, que a partir daquele dado momento, não existirá mais na condição biológica e sim, passará a existir em comum acordo com o que o psicológico do que a criança acusa ser. A união e o apoio da família são de fundamental importância. O indivíduo transexual carrega consigo uma bagagem muito pesada de acusações, preconceitos, julgamentos, difamações, dores, tristezas, amarguras...

A afirmação de uma mãe deixa claro no documentário que o suporte familiar, bem como o acolhimento são fatores que podem mudar a vida da criança transexual, pelo simples fato de que é no seio familiar que a criança se sente segura e consegue transferir essa segurança para a sociedade e para sua vida estudantil e profissional futura. É inegável que as três crianças apresentadas no documentário são muito amadas pelos seus pais e irmãos. Os pais a todo instante, mostram isso a elas não só pela aceitação, mas com carinho e os tratando como seres normais que são. A condição do transexual é algo tão perturbador para eles, que em muitos casos, os transexuais quando adultos procuram pela cirurgia de redesignação sexual (CRS), não como objetivo principal de ter uma vida sexual ativa, mas sim para igualar a aparência do seu corpo, com a imagem interna de si mesmo. O suporte familiar é importante também nessa etapa. Todos os pais em questão, após a ajuda de especialistas, consentiram a seus filhos (as) a readequação sexual na maioridade.

Sendo assim a criança transexual pode crescer com sua autoestima um pouco mais elevada, sabendo encarar o mundo e já se preparando para a tão sonhada cirurgia. A necessidade de se olhar no espelho e dizer: “Não falta mais nada!”. É constante entre o meio trans. É a distorção da imagem de si mesmo, que faz com que desde pequenas, as crianças trans, digam a seus pais, o motivo pelo qual vieram ao mundo e, como querem ser vistas e respeitadas. Com o apoio familiar e com o respeito é possível sim, que as crianças transexuais, cresçam seguras de si mesmas, podendo então levar uma vida como a de qualquer outra criança, não interferindo no seu rendimento escolar, tampouco no contexto de interação social com familiares e com os amigos. Mas isso só será possível, se os pais estiverem dispostos a ajudar seus filhos, despindo-se de tais valores já neles enraizados, buscando entendimento com auxílio de especialistas e demais grupos de ajuda. As crianças trans merecem respeito! Não é uma escolha, tampouco uma aberração da natureza. Não é um castigo de Deus, tampouco um ser anormal. São na verdade, seres humanos, dignos de total respeito.

Portanto, a reflexão acerca da condição em que as pessoas que vivem sua sexualidade precisam contemplar o quanto antes a compreensão e o reconhecimento de como ocorrem as diversas formas de manifestação e identificação sexual de gênero, especialmente voltadas para a infância, que é quando dá-se início a socialização e todo o processo de aceitação ou discriminação. Quanto mais forem ampliados os conhecimentos científicos e propagadas as informações acerca do gênero, das identidades de gênero e da sexualidade humana, desconstruindo mitos e preconceitos, disseminados tanto por meio de discussões e trabalhos acadêmicos quanto pela arte em todas as suas modalidades (cinema, teatro, literatura etc), maiores serão os caminhos que poderão levar a uma sociedade menos injusta e mais fraterna, que busque o respeito às pessoas independente de suas identidades e marcadores sociais.

## Referências

- ANDERSONCHANNELBR. *Meu eu secreto - Histórias de Crianças Trans*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HC57MOD4Xqw>>; Acesso em: 27 de maio de 2015.
- BARROS, S. C (2014) “Princesa: gênero, travestilidade e prostituição em uma leitura queer de cinema”. *Estudos feministas e de gênero: Articulações e perspectivas*. Florianópolis, Editora Mulheres, 2014.
- BENTO, B. *A Reinvenção do Corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro, Garamond, 2006.
- BENTO, B. “Na Escola se Aprende que a Diferença faz a Diferença” In. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 19(2):336, maio-agosto, 2011.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FOUCAULT, M. *Os Anormais*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- GARCIA, W. “Traídos pelo desejo – ambigüidades da cena”. In: LOPES, D. et al. (Orgs.) *Imagem e diversidade sexual: Estudos da homocultura*. São Paulo: Nojosa, 2004.
- GOMES DE JESUS, J. “Crianças Trans: memórias e desafios teóricos” In. *Anais do III Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades*. Salvador/BA: Universidade do Estado da Bahia, 2013.
- KENNEDY, N. Crianças transgênero: mais que um desafio teórico. *Cronos*, volume 11, número 2, 2010.
- LOURO, G. L. *Cinema e sexualidade*. In: *Educação & Realidade*, vol. 33. Porto Alegre: UFRGS, 2008.
- LOURO, G. L. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.